



## **A Influência do Mito na Sociedade Campista <sup>1</sup>**

Isabela Carneiro Rangel Sá <sup>2</sup>  
Daniel Barreto de Souza e Sá <sup>3</sup>  
Centro Universitário Fluminense

### **Resumo**

Este trabalho trata as múltiplas manifestações do mito dentro da sociedade campista – Campos dos Goytacazes-RJ. É fato que há uma necessidade de arquétipos a serem seguidos e se faz latente a figura da religião, pois sua própria essência traz modelos. Ao longo desse estudo, exposto aqui em fragmentos, pode-se perceber que alguns campistas acabaram por se transformar em mitos, uma vez que suas vidas influenciaram na formação cultural desta sociedade. Seus nomes, inclusive, nomeiam algumas das principais ruas da cidade.

### **Palavras-chave**

Cultura Urbana; Campos dos Goytacazes; Mito.

### **1. O Conceito de Mito**

O mito é muito mais do que uma mera imagem, é uma expressão simbólica cujos valores são carregados de conotações afetivas, o que caracteriza seu poder de sedução. NOVASKI (1989, p. 37)

Pode-se entender o mito como uma narrativa tradicional com caráter simbólico, que tem uma estreita relação com a cultura e a religião de um determinado povo. Estas, aliás, são palavras que não se dissociam: mito, religião e cultura.

O mito, num sentido amplo, busca ilustrar os episódios da vida; os fenômenos naturais; as procedências do mundo e do homem através de divindades e criaturas sobrenaturais. Não se pode entender, porém, que ele esteja relacionado apenas ao campo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas.

<sup>2</sup> Isabela Rangel é graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) – Faculdade de Filosofia de Campos (UNIFLU/FAFIC). Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela mesma instituição.

<sup>3</sup> Daniel Barreto é graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) – Faculdade de Filosofia de Campos (FAFIC). Pós-Graduado em Marketing pela mesma instituição. Mestrando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF). Professor do Curso de Comunicação Social do UNIFLU/FAFIC.



do transcendente. Num sentido mais restrito pode responder ao desejo de representar os traços históricos, culturais e sociais que definem um povo.

Mito e filosofia têm explicações opostas. A última busca explicar a realidade, por meio da razão e da lógica; enquanto a outra não explica de maneira racional a realidade, procura interpretá-la a partir de fábulas e outros, e nem sempre há sustentação teórica.

A partir de estudos sobre esse tema pode-se perceber que acontecimentos históricos podem se converter em mitos se na cultura em que acontecem carregam uma simbologia significativa.

A verdade é que todas as culturas têm seus mitos mesmo que muitas vezes eles sejam a exteriorização de modelos de pessoas comuns. Segundo o estudioso britânico H. J. Rose (1967)<sup>4</sup> o mito é uma manifestação antropológica complexa e de difícil definição “produto da atividade da imaginação ingênua sobre os fenômenos da experiência”, ou seja, resultado dos esforços da intuição imaginativa para explicar questões como a origem e o destino da humanidade, as estruturas sociais, a natureza e a morte.

O conceito de mito muitas vezes está associado a mentira, ilusão, ídolo e lenda. O mito não é uma mentira, pois é verdadeiro para quem vive. A narração de determinada história mítica é uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre o qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel.

Pode-se citar como exemplo o mito de Pandora, que, enviada aos homens, abre por curiosidade a caixa onde saem todos os males. Pandora consegue fechá-la a tempo de reter a esperança, única forma do homem não sucumbir às dores e aos sofrimentos da vida. Assim, esta narração mítica explica a origem dos males, sendo esta a única maneira de compreender tal realidade.

Não se pode afirmar também que o mito seja ilusão, pois sua história tem uma racionalidade, mesmo que não tenha uma lógica, por trabalhar com a fantasia. Deve-se diferenciar mito e ídolo, pois mesmo existindo uma relação entre eles, o mito é muito "maior" que o ídolo (objeto de paixão, veneração).

Segundo Cassirer, em *O Mito do Estado*, embora exista uma diversidade de manifestações míticas entre os mais diferentes povos e culturas, devemos procurar pelo seu elemento comum, aquele que permite uma unidade na diversidade:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.joraga.net/contos/pags/51lendas.htm>. Acesso: 6 dez. 2006



os sujeitos do mito e os atos rituais são de uma infinita variedade; na verdade são incalculáveis e insondáveis. Mas os motivos do pensamento mítico e da imaginação mítica são, em certo sentido, sempre os mesmos. Em todas as atividades e em todas as formas de cultura humana encontramos uma “unidade na diversidade”. (1946, p. 53)

O mito, por vezes, é confundido com o conceito de lenda, todavia esta não tem compromisso nenhum com a realidade. São histórias sobrenaturais, como é o caso da Mula Sem Cabeça e do Saci Pererê. O mito não é exclusivo de povos primitivos, nem de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade.

Muitos estudiosos consideram que formas do pensamento mítico continuam presentes em numerosos fenômenos culturais do mundo moderno. O homem moderno, tanto quanto o antigo, não é só razão, mas também afetividade e emoção. Hoje em dia, os meios de comunicação de massa trabalham em cima dos desejos e anseios que existem na natureza inconsciente e primitiva. O mito recuperado do cotidiano do homem contemporâneo, não se apresenta com a abrangência que se fazia sentir no homem primitivo.

Os mitos modernos não abrangem mais a totalidade do real como ocorria nos mitos gregos, romanos ou indígenas. Os super-heróis dos desenhos animados, bem como os personagens de filmes, passam a encarnar, fundamentalmente, o bem e a justiça, assumindo uma espécie de proteção imaginária. Como mito e razão habitam o mesmo mundo, o pensamento reflexivo pode rejeitar alguns mitos, principalmente os que vinculam valores destrutivos.

## **2. Mito e religião**

Religião (do latim religio, cognato de religare, "ligar", com referência a laços que unam o homem à divindade) é como o conjunto de relações teóricas e práticas estabelecidas entre os homens e uma entidade superior, à qual se rende culto, individual ou coletivo, por seu caráter divino e sagrado. Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.



Mito e religião constituem abordagens paralelas. O mito inclui atitudes religiosas, históricas, folclóricas e sociais; com as quais pretende explicar, de forma espontânea e imediata, aspectos da realidade inapreensíveis para a razão. Já a religião apresenta uma mensagem mais concreta, gestada, na maioria das vezes, da revelação de Deus.

Alguns especialistas, como Mircea Eliade (1993), estudioso de história comparada das religiões, atribuem importância especial ao contexto religioso do mito. Com efeito, são muito frequentes os mitos que versam sobre a origem dos deuses e do mundo, dos homens, de determinados ritos religiosos, de preceitos morais, tabus, pecados e redenção.

O mito, portanto, é uma linguagem apropriada para a religião. Isso não significa que a religião, tampouco o mito, conte uma história falsa, mas que ambos traduzem uma realidade que transcende o senso comum e a racionalidade humana e que, portanto, não cabe em meros conceitos analíticos. Religião e mito diferem, não quanto à verdade ou falsidade daquilo que narram, mas quanto ao tipo de mensagem que transmitem.

A mensagem religiosa geralmente exige determinado comportamento perante Deus, o sagrado e os homens, e é, muitas vezes, formulada de forma compatível com conceitos racionais e em doutrinas sistematizadas. O mito abrange maior amplitude de mensagens, desde atitudes antropológicas muito imprecisas, até conteúdos religiosos.

Segundo o alemão Carl Gustav Jung (1977) os mitos seriam a manifestação dos arquétipos ou modelos que brotam do inconsciente coletivo e constituem a base do psiquismo. De uma forma ou de outra, a maior parte dos estudiosos considera o pensamento mítico como uma atividade vivencial, intuitiva e simbólica, relacionada a temas que transcendem a experiência ou a razão.

As semelhanças com a religião mostram que o mito se refere, ao menos em seus níveis mais profundos, a temas e interesses que transcendem a experiência imediata, o senso comum e a razão: Deus, a origem, o bem e o mal, o comportamento ético.



### 3. O surgimento de alguns mitos campistas

Campos dos Goytacazes<sup>5</sup> tem esse nome por causa dos índios goitacás que viveram nesta terra, antes da chegada dos portugueses, em 1627. A cidade tem a maior produção de álcool e petróleo do Brasil e foi a primeira da América latina a ter energia elétrica.

#### 3.1. Felipe Uebe

Felipe Uebe nasceu no Líbano, no início do século XX (1910), quatro anos mais tarde estoura a primeira guerra mundial. Vem para o Brasil em 1923 à cidade de Rio Bonito no Estado do Rio de Janeiro. Após terminar o ensino médio ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. As dificuldades financeiras eram muitas e para conseguir prosseguir na faculdade era custeado por dois irmãos.

No momento de escolher a especialização ele opta por cirurgia e em 1933 recebe seu diploma. Algum tempo depois chega à cidade de Campos dos Goytacazes, fica num hotel local e ali mesmo atende seus pacientes.

O Dr. Felipe Uebe, como agora era chamado, atendia todos seus pacientes no hotel em que estava hospedado, inclusive realizava operações. O que não excluía que, após doze horas diárias de trabalho, ele fosse às casas de pacientes para socorrê-los e ainda à Santa Casa. Tudo sem se preocupar com recompensa material.

Não visando recompensa material, o Dr. Felipe põe-se a servir ao povo, principalmente aos humildes que, até então, morriam por falta de recursos. Jamais cobra uma consulta. As pessoas de posses e reconhecidas é que colocam em seus bolsos certas importâncias em dinheiro. (CARVALHO, 1985, p. 321)

Em outro ponto o Carvalho complementa:

À noite, após ter atendido centenas de pessoas, sob remuneração ou não, sem ter almoçado ou jantado, vai encontrar-se com alguns amigos à mesa dos cafés, que o aguardam para jogar "Palavras Caprichadas...". Paga, toda a despesa. Retira do bolso, notas amassadas, ali colocadas por alguns clientes, cuja soma desconhece. (1985, p. 321)

---

<sup>5</sup> Estado do Rio de Janeiro, Brasil.



O médico clinicou em Campos dos Goytacazes-RJ e São Fidélis-RJ, operava pacientes com problema de apêndice, com muita segurança. Viveu uma vida de grandes feitos médicos morrendo aos trinta e três anos de febre tifóide, com pouco menos de dois meses de casado.

Após sua morte a cidade campista, especialmente, as pessoas que conheciam Felipe são invadidas de profunda tristeza e ele é lembrado por muito tempo.

O povo campista, como prova de gratidão, oferece-lhe um rico mausoléu no Cemitério do Caju. Faz mais: dá a uma rua da cidade, o seu nome.

Por muito tempo os pobres infelizes de Campos não conseguem esquecer o nome desse grande benfeitor. Jamais há de sentir o toque misterioso das mãos milagrosas do incomparável e humanitário Dr. Felipe Uébe. (CARVALHO, 1988, p. 322)

O caso de Felipe Uebe demonstra que a sociedade, de uma maneira geral, mitifica um modelo que expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva que chegou até o presente através de várias gerações.

### **3.2. Nina Arueira**

No ano de 1916 nasceu, em Campos dos Goytacazes, Maria da Conceição Arueira que mais tarde passou a ser chamada de Nina Arueira. Aos doze anos de idade publicou seus primeiros escritos e mais tarde ingressou na carreira política. Morreu em 1935, com apenas dezenove anos.

A jovem escritora era um espírito emancipado, menos por influências de leituras mal assimiladas, que pela própria compreensão precoce do mundo. Era de se admirar a segurança com que, em pleno verdor da mocidade e sem uma cultura sistematizada (pois interrompera até seu curso na Escola Normal), encarava as questões mais complexas da organização político-social. Ela se permitiu tomar a liberdade na crítica e no combate a certos vícios, e algumas de suas produções não podiam ser publicadas, porque os leitores do jornal, chamados burgueses, formam um público heterogêneo, quanto à diversidade de classes, mas em que predomina a velha educação preconceituosa e hostil aos modernos avanços do pensamento [...] (Jornal Monitor Campista, Campos dos Goytacazes, 19 mar. 1935)



A luta política de Nina Arueira foi a favor de uma sociedade mais igualitária visando um mundo melhor e no contexto da cidade de Campos dos Goytacazes ela se fez líder e buscou viver os seus ideais de vida.

E tal foi o seu trabalho que logo cedo se fez conhecida fora dos limites de Campos e do Estado. Ela se sentia mais que consciente da estrada que percorria na sua jornada ideológica, era um batalhar constante, uma arrancada decidida, bafejada, não pelo direito da força, mas pela força do direito, direito humano, sinônimo da Justiça. (CARVALHO, 1988, p. 295)

Setenta e um anos após a morte de Nina Arueira ela é lembrada até hoje, pois são muitas as vezes que seu nome é lembrado através de conferências e livros. O que se pode perceber é que ao observar as várias vertentes do mito ele acaba por ter a finalidade de acomodar e tranquilizar o homem que vive num mundo inseguro, assustador e muitas vezes hostil. Ele, de certo modo, fixa modelos exemplares de todas as funções e atividades humanas.

#### **4. As influências do mito**

Pelo caráter simbólico que reveste, o mito pode ser considerado manifestação artística e geradora de arte. Em cada povo e civilização, os mitos são fonte de inspiração para as mais diversas obras de arte, assim como as fantasias e criações imaginárias dos sonhos são também estímulos à atividade artística.

Os monumentos megalíticos, a disposição dos túmulos e a maneira de construir os templos são a expressão plástica da mitificação de um ser. A própria arquitetura clássica, ao igualar a estrutura dos templos e dos palácios da administração civil, não fez mais que plasmar o mito do homem renascentista – aquele que se converte em centro do universo e acaba por proclamar deusa a sua própria faculdade racional. Desse modo, as culturas antimíticas – aquelas que rebaixam o mito a mera literatura – podem terminar por incorrer em novos mitos.

Uma conexão mais estreita, embora menos definida, pode ser apontada entre mito e literatura. O mito é originalmente uma narração oral espontânea que se cristaliza ao longo de gerações. A literatura tende a explicar, a clarificar e desenvolver o mito que havia nascido de forma fragmentária e, por vezes, pouco coerente. À medida que é adaptado à esfera e às dimensões da vida humana, manipulado e elaborado



conscientemente pelos indivíduos, o mito se dilui em suas características originais para tornar-se lenda, saga, epopéia, fábula, história, conto e novela.

## 5. Considerações finais

Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, exalta e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva à qual se recorre incessantemente e não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. E, como afirma Roland Barthes (1990), o mito não pode, conseqüentemente, "ser um objeto, um conceito ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma". Assim, não se há de definir o mito "pelo objeto de sua mensagem, mas pelo modo como a profere".

O mesmo Roland Barthes (1990), aliás, procurou reduzir, embora significativamente, o conceito de mito, apresentando-o como qualquer forma substituível de uma verdade. Uma verdade que esconde outra verdade. Talvez fosse mais exato defini-lo como uma verdade profunda da mente. É que poucos se dão ao trabalho de verificar a verdade que existe no mito, buscando apenas a ilusão que o mesmo contém. Muitos vêem no mito tão somente os significantes, isto é, a parte concreta do signo. É importante ir além das aparências e buscar os significados, quer dizer, a parte abstrata, o sentido profundo.

A consciência mítica, embora rejeitada no mundo moderno, ainda está viva e atuante nas civilizações denominadas primitivas: o mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade, que satisfaz as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, as pressões e os imperativos de ordem social e mesmo as exigências práticas.

## Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990



- CARVALHO, Waldir. *Campos depois do centenário*. 3 vol. Itaperuna: Damadá artes Gráficas e editora, 1985.
- CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Traduzido por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FEYDIT, Júlio. *Subsídios para história dos Campos dos Goitacazes: desde os tempos coloniais até a proclamação da república*. Rio de Janeiro: Editora Êsquilo, 1979.
- JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- NOVASKI, A. *Mito e racionalidade filosófica*. In: MORAES, R. (org.). *As Razões do mito*. Campinas: Papirus, 1989.
- RONALD, César. *O mito da Superioridade Humana*. Campos dos Goytacazes: Laelson Marques de Barros, 1996.
- ROSE, H. J. A. *Handbook of Latin Literature*. London, Methuen, 1967. In: <http://www.joraga.net/contos/pags/51lendas.htm>. Acesso em: 6 dez. 2006.
- VERNANT, Jean Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- GOMES, Delso. *História do Partido Comunista em Campos (memórias de um partido revolucionário)*. Miracema: Jornal dois Estados gráfica e editora, 2000.
- PINTO, Jorge Renato Pereira. *Um pedaço de terra chamado Campos: sua geografia e seu progresso*. Campos: Almeida Artes Gráficas, 1987.